



Artigo

**A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE
CONTRACEPTIVOS EM MULHERES QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

**THE NEED FOR KNOWLEDGE ABOUT THE USE OF CONTRACEPTIVES
IN WOMEN WHO HAVE MIGRAINE WITH AURA: AN INTEGRATIVE
REVIEW**

Maria Stefânia Nóbrega Batista
Daniella Morgana Feitoza Braga
Rita de Cássia Pereira Santos
Marcos Alexandre Casimiro de Oliveira
Igor de Sousa Gabriel

RESUMO - Introdução: O uso de anticoncepcionais hormonais representa o meio contraceptivo mais utilizado. Este método proporcionou a desagregação entre gestação e sexo, mudando o padrão de sexualidade feminina, porém seu uso errôneo está vinculado à intensificação dos efeitos colaterais. A composição estrogênica tem a função mais relevante, como por exemplo, no agravamento da enxaqueca, sendo primordial uma melhor escolha sobre o método contraceptivo. Nota-se também que grande parte das mulheres desconhece os efeitos adversos dos ACOs. O objetivo do presente estudo é descrever sobre o uso de anticoncepcionais combinados em mulheres que têm enxaqueca com aura e a falta de conhecimento das mesmas sobre os riscos deste método contraceptivo. **Método:** O presente estudo caracterizou-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa. As bases de dados utilizadas foram a PubMed (Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos), Lilacs (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Medline (Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica). Durante a procura bibliográfica, foram empregados os critérios de inclusão: artigos cujo título e/ou resumo fazem referência à temática abordada; artigos nacionais e internacionais com publicações nos idiomas português e inglês; artigos disponíveis na íntegra; e artigos publicados nos anos de 2014 a 2018 nas, bases de dados anteriormente referidas. **Resultados e discussão:** Os resultados



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES
QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380

Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

apresentados versam sobre o uso de contraceptivos orais em mulheres com enxaqueca com aura, considerando que muitas usuárias do método em destaque desconhecem os perigos acerca de seu uso. Considerando-se que a migrânea com aura é mais prevalente nas mulheres. É de suma importância conseguir diagnosticá-la, pois nesta mesma população o uso de anticoncepcionais orais (ACO) vem aumentando, e, como se sabe, este método contraceptivo pode ser um fator predisponente para um AVE, elevando ainda mais este risco quando associado à enxaqueca. **Considerações finais:** Portanto, dada a relevância do tema, evidencia-se a necessidade de maior ênfase por parte da literatura científica quanto ao uso dos contraceptivos orais e suas implicações clínicas em pacientes com condições clínicas especiais, destacando-se o caso da enxaqueca com aura e a relação entre o AVC isquêmico.

Palavras-chave: Enxaqueca com aura; Anticoncepcionais; Mulheres; Anticoncepção; Conhecimento.

ABSTRACT - Introduction: The use of hormonal contraceptives represents the most used contraceptive method, which provided the breakdown between pregnancy and sex, changing the pattern of female sexuality. However, its misuse is linked to the intensification of side effects. The estrogenic composition has the most relevant function, for example, in the worsening of migraine, being essential to choose better the contraceptive method to be used. Most women do not know the adverse effects of OCA. The aim of the present study is to describe the use of combined contraceptives in women who have migraine with aura and their lack of knowledge about the risks of this contraceptive method. **Method:** The present study was characterized as an integrative literature review, with a qualitative approach. The databases used were PubMed (National Library of Medicine of the United States), Lilacs (Latin American and Caribbean Health Sciences Literature) and Medline (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online). During the bibliographic search, the inclusion criteria used were: articles whose title and/or abstract refer to the topic addressed; national and international articles with publications in Portuguese and English; articles fully available; and articles published between 2014 and 2018 on the aforementioned databases. **Results and discussion:** The results presented address the use of oral contraceptives in women with migraine with aura,



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES
QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380



Artigo

considering that many users of the highlighted method are unaware of the dangers about its use. Considering that migraine with aura is more prevalent in women, it is extremely important to be able to diagnose it, as in this same population the use of oral contraceptives (OAC) has been increasing, and, as is known, this contraceptive method can be a predisposing factor for a CVA, further increasing this risk when associated with migraine. **Conclusion:** Therefore, given the relevance of the topic, there is a need for greater emphasis on the part of the scientific literature regarding the use of oral contraceptives and their clinical implications in patients with special clinical conditions, highlighting the case of migraine with aura and the relationship with ischemic cerebrovascular accident.

Keywords: Migraine with Aura; Contraceptive Agents; Women; Contraception; Knowledge

INTRODUÇÃO

O uso de anticoncepcionais hormonais representa o meio contraceptivo mais utilizado, especialmente entre as mulheres brasileiras, como forma de evitar uma gravidez não planejada. Desde 1960, este método proporcionou a desagregação entre gestação e sexo, mudando o padrão de sexualidade feminina. Em 1996, foram publicados os “Critérios de elegibilidade para o uso de contraceptivos” pela Organização Mundial de Saúde (OMS), no intuito de auxiliar na melhor alternativa contraceptiva, de acordo com as especificidades de cada mulher (GIGLIO et al., 2015).

Os anticoncepcionais orais (ACO) podem ser de progesterônio isolado ou podem ser combinados, os quais contêm progesterônio e estrogênio (CALLAI et al., 2017). A eficácia dos combinados está sujeita ao modo de usá-los. Ou seja, para que seja efetivo, as mulheres devem utilizá-lo de forma correta, começando no dia certo, ingerindo diariamente e no mesmo horário. No entanto, seu uso errôneo está vinculado à intensificação dos efeitos colaterais e, conseqüentemente, à interrupção do método (AMÉRICO et al., 2013). A composição estrogênica tem a função mais relevante nos





Artigo

efeitos colaterais, como o tromboembolismo e o agravamento da enxaqueca (GIGLIO et al., 2015).

O estrogênio exerce forte influência na enxaqueca, principalmente nos períodos em que ocorre flutuação deste hormônio, por exemplo, na puberdade, menstruação, gestação e climatério. A migrânea é uma crise de cefaleia que persiste por 4 a 72 horas, acompanhada de fonofobia, fotofobia e, frequentemente, náuseas e vômitos (TODD et al., 2018). Sua prevalência é alta nas mulheres em idade fértil, por isso é necessário abordar o uso de contraceptivos hormonais na prática clínica nas pacientes com enxaqueca (SACCO et al., 2017).

Como já dito, sendo a migrânea predominante nas mulheres em idade reprodutiva, é primordial investigar detalhadamente sua presença e pesquisar também a existência de aura, desta forma implicando em uma melhor escolha sobre o método contraceptivo, diminuindo os efeitos colaterais que possam existir para tais pacientes (RIBEIRO et al., 2017).

Na presença da enxaqueca com aura, as opções de anticoncepcionais encontram-se limitadas, visto que os estrógenos exacerbam as chances de eventos vasculares. A OMS, da mesma maneira que o American College of Obstetricians and Gynecologists (ACOG), contraindica a utilização de anticoncepcionais orais combinados em pacientes que apresentam aura, independentemente da idade (RIBEIRO et al., 2017).

As mulheres que possuem migrânea têm predisposição a evoluir com Acidente Vascular Encefálico (AVE) isquêmico. A depender do anticoncepcional, este também pode alterar e provocar episódios de enxaqueca, bem como aumentar as chances de as pacientes progredirem com eventos tromboembólicos. O risco de ocorrer um AVE isquêmico eleva-se ainda mais quando o uso de ACO é feito por mulheres que têm enxaqueca (STECKERT et al., 2016). Já o aparecimento de aura nas crises de migrânea acaba sendo um fator de risco independente para AVE isquêmico, pois aumenta em até oito vezes as chances de ocorrer esta patologia (CALLAI et al., 2017).

A utilização dos ACOs na prática e suas prováveis complicações são ainda desconhecidos pela grande maioria das mulheres que aderiram a este método contraceptivo. (AMÉRICO et al., 2013).

Uma vez que grande parte das mulheres desconhece os efeitos adversos dos ACOs, surge um questionamento: mulheres que possuem enxaqueca com aura têm



Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

conhecimento acerca dos riscos aos quais estão submetidas ao fazer uso de anticoncepcionais combinados? Dessa forma, a justificativa que corrobora essa temática é a falta de conhecimento e dos riscos por parte das mulheres que fazem uso de anticoncepcionais e possuem enxaqueca com aura a que estão expostas. Assim, a intervenção é necessária, pois o risco de patologias graves como AVE eleva-se nessas pacientes. A abordagem do assunto contribui para que a comunidade médica e acadêmica se conscientize quanto aos riscos e métodos contraceptivos que são passíveis de uso.

O objetivo do presente estudo é discorrer sobre o uso de anticoncepcionais combinados em mulheres que têm enxaqueca com aura e a falta de conhecimento das mesmas sobre os riscos deste método contraceptivo.

METODOLOGIA

O estudo em questão trata-se de uma revisão integrativa de literatura, que consiste em explorar pesquisas pertinentes ao assunto abordado, viabilizando o resumo do conhecimento disponível sobre uma temática delimitada. Através da análise dos dados coletados, é possível explanar de forma mais ampla a respeito de um tópico mais específico, ou seja, aprofundar tais informações (MENDES et al., 2008).

Este método de pesquisa é organizado em seis etapas para que seja realizada a sua construção: 1) identificação das hipóteses ou questões da pesquisa: nessa etapa, deve ser feita a escolha do tema, objetivos, identificação das palavras-chaves e pergunta norteadora; 2) determinação de critérios para inclusão e exclusão de estudos: serão estabelecidos os critérios de inclusão e exclusão, as bases de dados e a seleção dos estudos utilizados; 3) delimitação dos conhecimentos a serem extraídos dos estudos: consiste em retirar as informações necessária e organizá-las; 4) análise dos estudos incluídos na revisão: trata-se de avaliar criteriosamente todos os estudos; 5) interpretação dos resultados avaliados: é equivalente à discussão dos resultados, permitindo sugestões de novas pesquisas quando há presença de lacunas no tema abordado; 6) relatório final da revisão que foi realizada: esta última etapa significa a construção de um documento que contenha os principais resultados da revisão (MENDES et al., 2008).



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES
QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380

Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

Para nortear a presente revisão integrativa a respeito do tema proposto, formulou-se o seguinte questionamento: mulheres que possuem enxaqueca com aura têm conhecimento acerca dos riscos aos quais estão submetidas ao fazer uso de anticoncepcionais combinados?

A busca dos artigos foi realizada no segundo semestre de 2018, indo até maio de 2020, utilizando-se as bases de dados PubMed (Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos), Lilacs (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Medline (Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica). Sendo utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DECS): Enxaqueca com Aura; Anticoncepcionais; Mulheres; Anticoncepção; Conhecimento.

Durante a procura bibliográfica, foram empregados os critérios de inclusão: artigos cujo título e/ou resumo fazem referência à temática abordada; artigos nacionais e internacionais com publicações nos idiomas português e inglês; artigos disponíveis na íntegra; e artigos publicados nos anos de 2014 a 2018 nas bases de dados anteriormente referidas.

Com relação aos critérios de exclusão utilizados: artigos incompatíveis com a temática após a leitura dos seus resumos; artigos indisponíveis na sua totalidade; teses de mestrado e doutorado; artigos de opinião pessoal.

Após a tradução e leitura dos artigos selecionados, foram efetuadas a análise e a posterior síntese dos dados pertinentes ao assunto abordado, possibilitando um aprofundamento na temática e permitindo apresentar os resultados obtidos quanto ao conhecimento das mulheres que têm migrânea com aura sobre os riscos aos quais estão submetidas ao fazer uso de anticoncepcionais combinados.

Não foi utilizado nenhum software visando à análise e à apresentação de dados.

RESULTADOS

Identificou-se um total de 176 artigos na pesquisa preliminar: 11 artigos estavam duplicados, restando um total de 165 artigos para posterior leitura dos títulos e resumos. Pela leitura de títulos e resumos, 96 artigos foram excluídos por não se adequarem ao tema. Restaram, então, 69 artigos, dos quais 60 foram excluídos pela análise do



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES
QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

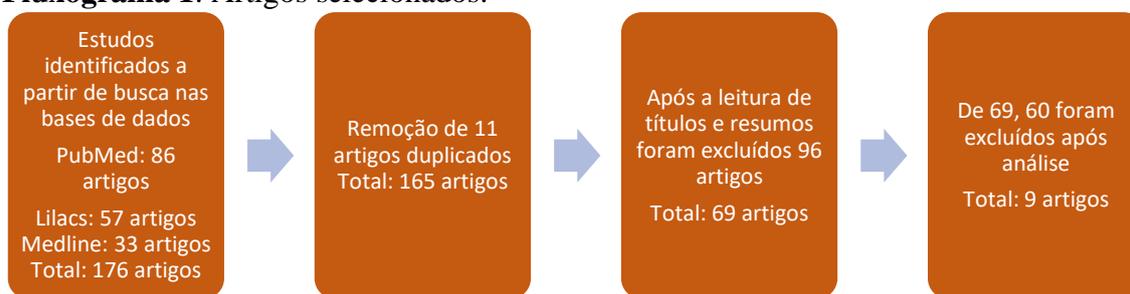
DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380

Artigo

delineamento e pela análise dos critérios de exclusão. Por fim, nove artigos foram selecionados, expostos no fluxograma a seguir (Fluxograma 1).

Fluxograma 1: Artigos selecionados.



Quadro 1: Características dos estudos selecionados.

Título	Autor	Ano	País	Método
Conhecimento de usuárias de anticoncepcional oral combinado de baixa dose sobre o método.	AMÉRICO et al.	2013.	Brasil.	Estudo transversal.
Contraceção em mulheres com condições clínicas especiais. Critérios médicos e elegibilidade.	SILVEIRA et al.	2014.	Brasil.	Revisão sistemática.
Combined hormonal contraception use in reproductive-age women with	LAURING et al.	2016.	Estados Unidos.	Estudo transversal.



Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

contraindications to estrogen use.				
Use of combined hormonal contraceptives among women with migraines and risk of ischemic stroke.	CHAMPALOUX et al.	2017.	Gabão.	Estudo exploratório.
Influência de anticoncepcionais hormonais e ocorrência de acidente vascular cerebral: revisão integrativa.	LIMA et al.	2017.	Brasil.	Revisão integrativa.
Hormonal contraceptives and risk of ischemic stroke in women with migraine: a consensus statement from the European Headache Federation (EHF) and the European Society of Contraception and Reproductive Health (ESC).	SACCO et al.	2017.	Itália.	Revisão sistemática.
Fatores associados ao uso contraindicado de	CORRÊA et al.	2017.	Brasil.	Estudo qualitativo.



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380

Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

contraceptivos orais no Brasil.				
Neurology Concepts: Young Women and Ischemic Stroke-Evaluation and Management in the Emergency Department.	CHANG et al.	2018.	Estados Unidos.	Estudo exploratório.
Prevalência dos efeitos colaterais pelo uso de anticoncepcionais orais em estudantes de medicina de uma instituição privada.	CABRAL et al.	2018.	Brasil.	Estudo transversal.



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES
QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: [10.29327/216797.1.1-19](https://doi.org/10.29327/216797.1.1-19)

Páginas 360 a 380

Artigo

Quadro 2: Características dos estudos selecionados.

Autor	Ano	Objetivos	Resultados
AMÉRICO et al.	2013.	Identificar o conhecimento de usuárias de anticoncepcional oral combinado sobre o uso correto, efeitos colaterais e complicações relacionados a esse uso.	Setenta e cinco por cento apresentaram conhecimento substancial para o uso correto e efeitos colaterais, e nenhum conhecimento para complicações. Quanto maior a escolaridade e a renda familiar, maior o conhecimento das mulheres sobre o uso correto do método.
SILVEIRA et al.	2014.	Descrever os avanços e as novas tecnologias de contracepção, bem como sugerir as melhores opções para mulheres com condições clínicas especiais.	Apesar de inúmeros estudos terem demonstrado a segurança e efetividade do uso de contraceptivos hormonais em mulheres saudáveis, ainda não dispomos de dados completos no que se refere às mulheres portadoras de condições clínicas especiais.
LAURING et al.	2016.	Descrever a prevalência do uso de contraceptivos hormonais combinados em uma	Em uma amostra com 987 mulheres adultas, a contra-indicação do uso de estrogênio foi de 13%, com 81% no



Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

		amostra de mulheres em idade reprodutiva com contraindicações ao uso de estrogênio.	grupo de mulheres com enxaqueca com aura, sendo a contraindicação mais comum, especialmente pelo risco aumentado da ocorrência de eventos cardiovasculares.
CHAMPALOUX et al.	2017.	Estimar a incidência de AVC em mulheres de idade reprodutiva e examinar a associação entre hormônios contraceptivos combinados ao tipo de enxaqueca (com ou sem aura) e os casos de AVC isquêmico.	A probabilidade de AVC isquêmico foi maior entre as mulheres com enxaqueca com aura que usavam contraceptivos hormonais combinados, quando em comparação com mulheres sem enxaqueca que não fizeram uso de contraceptivos hormonais.
LIMA et al.	2017.	Identificar evidências científicas acerca da influência do uso de anticoncepcionais hormonais na ocorrência do acidente vascular cerebral (AVC).	Usuárias de anticoncepcional oral combinado apresentam risco maior de AVC, mesmo com dosagem hormonal menor e diferentes tipos de progestágenos, independente do tempo de uso. A



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: [10.29327/216797.1.1-19](https://doi.org/10.29327/216797.1.1-19)

Páginas 360 a 380

Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

			presença associada de tabagismo, hipertensão arterial, enxaqueca, hipercolesterolemia, obesidade e sedentarismo aumentam a chance desse desfecho.
SACCO et al.	2017.	Revisar a associação entre enxaqueca e AVC isquêmico e hormônios contraceptivos e desenvolver um consenso entre especialistas internacionais para apoiar a tomada de decisão clínica em termos de segurança cardiovascular para prescrição por profissionais de saúde de hormônios contraceptivos para mulheres com enxaqueca.	Os dados disponíveis sugerem que o contraceptivo hormonal combinado pode aumentar ainda mais o risco de acidente vascular cerebral isquêmico em mulheres que têm enxaqueca, especificamente enxaqueca com aura.
CORRÊA et al.	2017.	Estimar a prevalência de contraindicação ao uso de anticoncepcionais orais e os fatores associados em mulheres brasileiras.	Na população total, 21,0% (IC95% 19,7–21,9) das mulheres apresentaram alguma contraindicação ao uso de anticoncepcionais



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380

Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

			orais, das quais 11,7% (IC95% 10,6–13,7) pertenciam ao grupo de usuárias de anticoncepcionais orais.
CHANG et al.	2018.	Resumir os conhecimentos existentes sobre a avaliação e o manejo de mulheres jovens com AVC isquêmico agudo.	As estimativas sobre a incidência de AVC isquêmico em mulheres na pré-menopausa variam de 3,65 a 8,9 por 100.000 nos Estados Unidos. Existem vários fatores de risco para AVC isquêmico em mulheres jovens, incluindo uso de contraceptivo oral e enxaqueca com aura. A gravidez e o período pós-parto (até 12 semanas) também são um importante estado transitório, durante o qual os riscos de acidente vascular cerebral isquêmico e hemorragia cerebral são elevados, representando 18% dos acidentes vasculares cerebrais



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380



Artigo

			em mulheres com menos de 35 anos.
CABRAL et al.	2018.	Investigar a prevalência dos efeitos colaterais do uso de anticoncepcionais orais em mulheres que estudam na Faculdade de Medicina de Olinda (FMO).	Foram observadas 35 (31,5%) acadêmicas que apresentaram efeitos colaterais. Destas, 29 (82,9%) apresentaram mais de um efeito colateral. Entre estes, os mais frequentes foram: cefaleia, retenção hídrica e ganho de peso.

DISCUSSÃO

Os resultados apresentados versam sobre o uso de contraceptivos orais em mulheres com enxaqueca com aura, considerando que muitas usuárias do método em destaque desconhecem os perigos acerca de seu uso.

Nesse sentido, Américo e colaboradores (2013) abordam que o conhecimento sobre anticoncepcionais e seu uso correto, bem como efeitos colaterais e complicações, não é de conhecimento de uma parte das mulheres. Na mostra do respectivo estudo, 70% compreendiam as informações a despeito dos efeitos colaterais. Por sua vez, prevaleceu o pouco conhecimento sobre as complicações, como no caso do AVC isquêmico. Os autores destacaram ainda a influência da escolaridade e renda como fatores determinantes.

Silveira e colaboradores (2014) apontam uma questão extremamente importante em nível mundial: a carência de estudos que incluem o uso de contraceptivos orais em mulheres com condições clínicas especiais. Como efeito de comparação, existe uma gama de estudos sobre a segurança e efetividade do uso em mulheres saudáveis, demandando uma atenção especial dos estudos na área.





Artigo

Lauring e colaboradores (2016) descreveram a prevalência de contraindicações em mulheres férteis e contraindicações ao uso de estrogênio. Em uma amostra formada por 987 mulheres, 13% apresentaram contraindicações ao uso de estrogênio, com 81% das mulheres com enxaqueca com aura como a contraindicação mais comum, primordialmente pelo risco de ocorrência de eventos cardiovasculares.

Champaloux e colaboradores (2017) relacionaram os casos de AVC isquêmico ao tipo de enxaqueca. A probabilidade aumentada de AVC isquêmico em mulheres com enxaqueca com aura foi constatada no estudo em destaque.

Lima e colaboradores (2017) ressaltam que as evidências apontam a relação entre o uso de anticoncepcionais e o risco de AVC isquêmico, principalmente quanto ao uso associado de cigarros, quadro clínico de hipertensão arterial, enxaqueca, hipercolesterolemia, obesidade e sedentarismo. De forma análoga, destacam-se os efeitos colaterais apontados por Cabral e colaboradores (2018), que evidenciaram, em uma amostra de 35 mulheres, que 82,9% apresentaram mais de um efeito colateral, especialmente a cefaleia, retenção hídrica e ganho de peso.

Sacco e colaboradores (2017) fizeram uma associação entre enxaqueca e AVC isquêmico e o uso de hormônios. Em mulheres com enxaqueca, o risco de AVC foi aumentado, principalmente naquelas com enxaqueca com aura.

Corrêa e colaboradores (2017) destacam a prevalência de contraindicações mediante o uso de contraceptivos orais. Na amostra do estudo, 21% das mulheres apresentaram contraindicações, sendo 11,7% aquelas que faziam uso de contraceptivos orais.

Chang e colaboradores (2018) abordam que a enxaqueca com aura está associada como o principal fator de risco para o AVC isquêmico, com incidência de 3,65 a 8,0 para cada 100.000 casos nos Estados Unidos.

Nota-se, então, que os cuidados acerca do uso de contraceptivos orais devem ser encarados com base no que a literatura científica de todo o mundo aponta: o risco de AVC isquêmico em mulheres com enxaqueca com aura é aumentado.

Ressalta-se que os estudos ainda são relativamente escassos, especialmente pela magnitude dos problemas decorrentes do uso de contraceptivos orais, tendo em vista que muitas mulheres não sabem que podem ser expostas aos riscos quanto ao uso,





Artigo

principalmente no cenário da automedicação, pois nem todas procuram médicos para iniciarem adequadamente qualquer medida de prevenção da gravidez.

Enxaqueca com aura

Conforme The International Classification of Headache Disorders 3ª edição (ICHD-3), a conceituação de migrânea com aura é dada pela presença de sintomas visuais, sensitivos, entre outros relacionados ao Sistema Nervoso Central (SNC), com padrão de recorrência, unilaterais, com duração de minutos e que se manifestam gradativamente, precedendo as cefaleias com característica de enxaqueca e sintomas relacionados. (RIBEIRO et al., 2017).

A OMS classificou, em 2016, a migrânea como uma das principais causas de incapacidade, estando em segundo lugar nesse ranking. Sabe-se que esta patologia é cerca de três vezes mais comum no sexo feminino que no masculino. A frequência das crises também varia entre a população, indo de vários ataques mensais a menos de um por ano, e até mesmo em um único indivíduo, em que ocorrem períodos com crises frequentes, intercalado por períodos extensos sem manifestação de migrânea. Da mesma forma, o grau de incapacidade é variável, de leve a incapacidade de realizar atividades habituais. (TODD et al., 2018).

O risco de acidente vascular encefálico (AVE) em pacientes que têm enxaqueca com aura está relacionado à frequência da aura: se este sintoma estiver presente menos de uma vez por mês, o risco está elevado em torno de duas vezes; já se essa periodicidade aumenta para mais de uma vez por mês, o risco quadruplica. (TODD et al., 2018). Além disso, foi visto que fatores não modificáveis, como faixa etária e sexo feminino, e fatores modificáveis, como frequência das crises, tabagismo e uso de contraceptivos orais ampliam as possibilidades de ocorrer um AVE. (FALCO, 2016).

Considerando-se que a migrânea com aura é mais prevalente nas mulheres, é de suma importância conseguir diagnosticá-la, pois, nesta mesma população, o uso de anticoncepcionais orais (ACO) vem aumentando, e, como se sabe, este método contraceptivo pode ser um fator predisponente para um AVE, elevando ainda mais este risco quando associado à enxaqueca.





Artigo

Contraceptivos hormonais

Os contraceptivos orais representam uma estratégia largamente utilizada para evitar a ovulação, e conseqüentemente a gestação, sendo usado cada vez mais pelas brasileiras. (CALLAI et al., 2016). No nosso país, 81% das mulheres que possuem relação estável e têm entre 15 e 49 anos fazem uso de algum método contraceptivo, destas, 25% escolheram como alternativa os ACOs. No entanto, evitar a implantação do embrião não é a única finalidade, seu uso também pode ser feito com a intenção terapêutica nos casos de dismenorreia, acne, cisto ovariano, endometriose e tensão pré-menstrual. Em contrapartida, efeitos adversos são encontrados em decorrência de sua utilização, tais como aumento pressórico, eventos cardiovasculares e tromboembólicos. (STECKERT et al., 2016).

O etinilestradiol, presente nos anticoncepcionais orais combinados, quando comparado ao estrogênio endógeno, tem um efeito muito superior, cerca de mil vezes. Este estrogênio sintético é capaz de agir na cascata de coagulação, promovendo redução dos inibidores da coagulação (antitrombina e proteína S) e aumento dos fatores de coagulação (fibrinogênio, VII, VIII, IX, X, XII e XIII). De maneira oposta, os anticoncepcionais compostos apenas de progestagênio atingem de maneira insignificante ou não atingem o sistema de coagulação, portanto não provocam tais efeitos pró-coagulantes. (GIGLIO et al., 2015).

A utilização dos ACOs não é indicada pela OMS em mulheres que tenham hipertensão arterial, diabetes, cefaleia e história familiar de doenças tromboembólicas, visto que a combinação de alguma dessas condições com o uso desse método contraceptivo propicia uma elevação na possibilidade de acontecer um AVE. (LIMA et al., 2017).

Foi visto que há um desconhecimento das mulheres que optaram pelos anticoncepcionais orais combinados como método contraceptivo com relação a sua utilização correta, como o início da cartela e regularidade de horário das tomadas, e sobre as complicações advindas do seu uso, sendo este último o item de mais baixo nível de conhecimento. (AMÉRICO et al., 2013).

Portanto, reconhecer fatores de risco que possam contraindicar o emprego desta forma de contracepção é imprescindível, assim como a orientação pela equipe de saúde





Artigo

para as pacientes que optaram por este método. Estas medidas em associação podem acarretar diminuição dos riscos de complicações.

Relação de migrânea com aura e uso de anticoncepcionais

Segundo a OMS, são classificados em categoria 3 (os riscos superam os benefícios) e 4 (não devem ser usados) os anticoncepcionais que possuem estrogênio na composição para as seguintes situações: tromboembolismo pulmonar, hipertensão arterial sistêmica (HAS), tabagistas com mais de 35 anos e migrânea com aura. (GIGLIO et al., 2015).

Como entre as mulheres em idade reprodutiva as cefaleias são frequentes, é primordial saber identificar e caracterizar tal sintoma, bem como a presença de aura, e, com isso, escolher um método contraceptivo que acarrete menos riscos para as mesmas, visto que a existência de aura restringe as opções contraceptivas, em consequência do estrogênio sintético que pode acarretar eventos vasculares. As cefaleias também podem intensificar-se com o uso dos contraceptivos hormonais combinados. Em compensação, os métodos apenas com progestagênio podem ser utilizados por mulheres com enxaqueca, contendo ou não aura, desde que não possuam outros fatores de risco vascular. (RIBEIRO et al., 2017).

O risco de AVE é duplicado em pacientes que possuem enxaqueca com aura, em comparação a indivíduos que não têm aura nas crises. Por tal justificativa, é recomendado que a prescrição de anticoncepcionais orais combinados seja evitada nessas mulheres que apresentam aura. É aconselhável dar prioridade aos contraceptivos compostos apenas por progestágenos em detrimento aos combinados. (GIGLIO et al., 2015).

CONCLUSÃO

Ante ao que foi apresentado, a educação em saúde apresenta-se como essencial para as mulheres que fazem uso de métodos contraceptivos orais, em decorrência dos efeitos colaterais e os cuidados em torno da automedicação, uma vez que muitas podem fazer parte do grupo de risco que contraindiquem tal método preventivo da gravidez,



Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

demandando maior atenção dos profissionais de saúde envolvidos no âmbito de tais problemáticas.

Sugere-se que a comunidade científica possa ter mais atenção acerca do tema, em virtude da importância quanto ao entendimento sobre o uso de métodos contraceptivos em mulheres com condições clínicas específicas, assegurando-se o uso seguro por parte das mesmas.

O estudo serviu de base para elucidar os cuidados relacionados ao uso de anticoncepcionais em mulheres com enxaqueca com aura, dado o risco iminente de complicações que contraindiquem seu uso.

Portanto, dada a relevância do tema, evidencia-se a necessidade de maior ênfase por parte da literatura científica quanto ao uso dos contraceptivos orais e suas implicações clínicas em pacientes com condições clínicas especiais, destacando-se o caso da enxaqueca com aura e a relação entre o AVC isquêmico.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Camila Félix et al. Conhecimento de usuárias de anticoncepcional oral combinado de baixa dose sobre o método. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 4, p. 928-934, 2013.

CABRAL, Nailda Muniz Medeiros Domiciano et al. Prevalência dos efeitos colaterais pelo uso de anticoncepcionais orais em estudantes de medicina de uma instituição privada. **ANAIS DA FACULDADE DE MEDICINA DE OLINDA**, v. 1, n. 2, p. 28-34, 2018.

CALLAI, Tássia et al. Tabagismo e uso de anticoncepcionais orais relacionados a fenômenos tromboembólicos: relato de caso e revisão de literatura. **Reprodução & Climatério**, [s.l.], v. 32, n. 2, p.138-144, maio 2017.



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES
QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: 10.29327/216797.1.1-19

Páginas 360 a 380



Artigo

CHAMPALOUX, Steven et al. Use of Combined Hormonal Contraceptives Among Women With Migraines and Risk of Ischemic Stroke. **Obstetrical & Gynecological Survey**, v. 72, n. 9, p. 489-496, 2017.

CHANG, Bernard P. et al. Neurology Concepts: Young Women and Ischemic Stroke—Evaluation and Management in the Emergency Department. **AcademicEmergency Medicine**, v. 25, n. 1, p. 54-64, 2018.

CORRÊA, Daniele Aparecida Silva et al. Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 1-10, 2017.

GIGLIO, Margareth Rocha Peixoto et al. Contracepção Hormonal segundo a Ótica do Estudante de Medicina: Mais um Desafio para o Ensino Médico Brasileiro? **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 39, n. 4, p.502-506, dez. 2015.

LAURING, Julianne R. et al. Combined hormonal contraception use in reproductive-age women with contraindications to estrogen use. **American journal of obstetrics and gynecology**, v. 215, n. 3, p. 330-337, 2016.

LIMA, Adman Câmara Soares et al. Influência de anticoncepcionais hormonais e ocorrência de acidente vascular cerebral: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 3, p. 647-655, 2017.

RIBEIRO, Vânia Costa et al. Cefaleia e hormonas. **Acta ObstetGinecolPort**, Coimbra, v. 11, n. 3, p. 182-188, set. 2017.

SACCO, Simona et al. Hormonal contraceptives and risk of ischemic stroke in women with migraine: a consensus statement from the European Headache Federation (EHF) and the European Society of Contraception and Reproductive Health (ESC). **The journal of headache and pain**, v. 18, n. 1, p. 108-128, 2017.



Temas em Saúde

Edição especial



ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2020

Artigo

SILVEIRA, Camila Oliveira et al. Contracepção em mulheres com condições clínicas especiais. Critérios médicos e elegibilidade. **Reprodução & Climatério**, v. 29, n. 1, p. 13-20, 2014.

STECKERT, Ana Paula Panato; NUNES, Sabrina Figueredo; ALANO, Graziela Modolon. CONTRACEPTIVOS HORMONAIIS ORAIS: UTILIZAÇÃO E FATORES DE RISCO EM UNIVERSITÁRIAS. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, [S.l.], v. 45, n. 1, p. 78-92, set. 2016.

TODD, Candice; LAGMAN-BARTOLOME, Ana Marissa; LAY, Christine. Women and Migraine: the Role of Hormones. **Current Neurology And Neuroscience Reports**, [s.l.], v. 18, n. 7, 31 maio 2018.



A NECESSIDADE DE CONHECIMENTO ACERCA DO USO DE CONTRACEPTIVOS EM MULHERES
QUE TÊM ENXAQUECA COM AURA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

DOI: [10.29327/216797.1.1-19](https://doi.org/10.29327/216797.1.1-19)

Páginas 360 a 380